



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

ATAQUE À DEMOCRACIA: A COBERTURA DO G1 SOBRE OS ATENTADOS DE 08 DE JANEIRO DE 2023¹

Sarah Faria Santos ²

Carlos Renan Samuel Sanchotene ³

Resumo expandido

A invasão aos Três Poderes, ocorrida no dia 08 de janeiro de 2023, foi um acontecimento que rompeu a rotina jornalística por conta de suas singularidades. De acordo com Rodrigues (1993), ao reconfigurar o acontecimento, isto é, reconhecê-lo e interpretá-lo, o jornalismo constrói a própria concepção de acontecimento tornando-o reconhecível na sociedade. Ou seja, através da mídia, o acontecimento marca a sua presença na sociedade. Compartilhando das mesmas ideias, Nora (1997), afirma que os veículos de comunicação vão dar a materialidade necessária para marcar o acontecimento na história, tornando-o então acontecimento histórico. Nesse sentido, ao construir um acontecimento factual em acontecimento histórico, a mídia não está apenas produzindo uma descrição do fato, mas determinando o que deve ou não ter existência pública. França (2012) argumenta que fatos ocorrem o tempo todo, e elegemos enquanto um acontecimento àqueles que se destacam ou merecem maior visibilidade. Para a autora, “os acontecimentos se inserem em nossa experiência, na experiência humana, no âmbito de nossa vivência (França, 2012, p. 13).

Rodrigues (1993, p. 27) pontua que acontecimento é “tudo aquilo que irrompe na

¹ Trabalho apresentado no GT2 Estratégias de comunicação em ambientes digitais do IV Encontro Virtual da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura: Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial. Realização da UNIFAE, nos dias 20 e 21 de junho de 2024.

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Divinópolis. Email: sarahfsantos16@gmail.com

³ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Professor do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Divinópolis. Email: carlos_sanchotene@yahoo.com.br



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais”. Como na história, na atividade jornalística é preciso saber o que individualiza o acontecimento para que ele seja digno de ser contado. Entre milhares de fenômenos e fatos, o jornalista, como agente ativo na construção do acontecimento, seleciona-os a partir de interesses e critérios, distinguindo o que deve ser nomeado e percebido pela sociedade. Esse “processo de individualização” diz respeito a capacidade de um acontecimento de revelar processos em curso, de afetar os sujeitos, na sua capacidade de, pela sua irrupção e força de sua afetação, gerar uma profusão de sentidos, de práticas e discursos buscando compreendê-lo, significá-lo, tratá-lo (Quéré, 2011).

Nesse sentido, essa movimentação de trazer o fato particular para a cena pública é possibilitado, sobretudo, por meio das fases de interpretação e narração. Isto é, classificando se é ou não relevante e hierarquizando fatos, em função de sua importância, abrangência, impacto e interesse (França, 2012). Assim, França (2012) caracteriza acontecimento enquanto uma situação que interrompe com o ordinário, ou seja, que rompe com a ordem. Logo, entende-se que “acontecimentos não são simplesmente ocorrências, mas fatos que têm o poder de afetação, que acontece a alguém, provocam sentidos, convocam o passado, reorientam o futuro” (França, 2012, p. 17).

Este efeito de “tornar-se notável” se dá através de uma análise segundo um parâmetro chamado de “valor notícia” ou “critérios de noticiabilidade” (Wolf, 2003), que surge através de uma convenção proposta pela própria comunidade midiática, segundo um conjunto de técnicas para identificar a relevância de um fenômeno/evento. Como, por exemplo, previsibilidade, imprevisibilidade; repercussão junto ao leitor; atualidade e comunicabilidade. A partir disso, entende-se acontecimento como uma representação social do fato, materializado na forma de notícia. Assim, partindo dessa ideia, um acontecimento como os atentados antidemocráticos são construídos e materializados por possuir caráter de importância para “fazer saber”.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

Patrick Champagne (1997) aborda que qualquer questão social somente ganha uma existência visível, uma vez que representada pela mídia. Da mesma maneira, qualquer fenômeno notável pode ou não ganhar existência a partir da abordagem midiática acerca do evento, podendo se tornar uma verdadeira calamidade ou, ao contrário, ser abafado e desaparecer. Nesse sentido, entender quais acontecimentos se destacam frente à esfera pública é entender, na mesma medida, quais valores movimentam, como pano de fundo, os atores sociais que o estão narrando. Por essa razão, é necessário articular ao debate a perspectiva de que o “acontecimento afeta aqueles a quem acontece, mas também interpela, em graus e de formas diversas, aqueles que dele tomam conhecimento, o integram em seu campo de experiência e eventualmente lhe respondem” (Babo, 2013, p. 223). Logo, os públicos – abrangendo também como públicos os sujeitos que narram o acontecimento – se articulam enquanto “intérpretes ativos” (Babo, 2013) dos fatos e situações, uma vez que os fatos são postos em confronto com suas respectivas subjetividades.

Assim sendo, Babo (2013) define que os públicos se formam em situações de recepção e podem se constituir por sentimentos de empatia e pertença, por exemplo. Em suma, sendo entendidos como comunidades que geram interpretação e significação a um dado fato e se organizam não só enquanto corpo social físico, mas se articulam, sobretudo, através das redes de sociabilidade virtuais (Babo, 2013). Frente a isso, a compreensão acerca de quais acontecimentos emergem para existência pública incorpora, portanto, o campo da recepção e o papel dos públicos, ao passo em que é na recepção que se atribuem os sentidos e valores socialmente partilhados a um respectivo fato ou situação.

A partir dessas ideias, compreendemos a complexidade do conceito de acontecimento e o entendemos como construção noticiosa. Para Reis e Maia (2011), o fato não está dado, ele é construído através da seleção de jornalistas, de fontes que venham a ganhar voz no processo de apuração, de editores e editoriais das mídias e de empresários que possam ter interesses em abordar tal ou tal-outro ponto de relevância. Dessa forma, o acontecimento



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

jornalístico, durante o período de sua produção e de sua duração, adquire vários formatos, níveis de profundidade e podem omitir ou iluminar aspectos específicos ao passo que amadurece. Sendo, então, impossível construir um ambiente sensível ao receptor sem a seleção de significantes específicas para construção da narrativa.

Diante deste contexto, busca-se estudar de que modo o portal de notícias G1 realizou enquadramentos noticiosos sobre o atentado aos Três Poderes em Brasília (DF) ocorrido no dia 08 de janeiro de 2023. Para tanto, foram selecionadas as notícias publicadas no veículo jornalístico ao longo de um mês.

Importante destacar que, naquele dia, grupos organizados de extremistas de direita promoveram um dia de terror em Brasília, invadindo e depredando o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e a sede do Supremo Tribunal Federal (STF) marcando o momento mais violento da política brasileira pós-redemocratização e um ápice do movimento golpista que tentava reverter ilegalmente o resultado da última eleição presidencial.

Assim, o acontecimento ganhou notoriedade na imprensa mundial segundo alguns critérios jornalísticos como: impacto, relevância, inesperado, singularidade, números de pessoas envolvidas e atingidas, inusitado, emoção, entre outros. Nesse sentido, as agendas dos outros campos sociais (Bourdieu, 2012) alimentam a rotina de produção jornalística e, o jornal, pode ser analisado como um dispositivo articulador (Mouillaud, 2012), um sujeito que age sobre a realidade produzindo versões acerca dos fatos.

Desse modo, objetiva-se estudar a cobertura jornalística realizada pelo G1, identificar e descrever os enquadramentos noticiosos. A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso qualitativo (Yin, 2005) em que o tratamento metodológico ampliará ao máximo a descrição, análise e compreensão do objeto. A metodologia segue as categorias propostas por Robert Entman (1993). Segundo o autor, enquadrar uma notícia consiste em selecionar certos aspectos da realidade e os tornar mais salientes no conteúdo da mídia, de tal forma a promover um problema, uma interpretação, uma avaliação moral, ou a recomendação de tratamento



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

para o tema descrito. O autor apresenta maneiras de identificar o *framing* de uma reportagem: 1) definição do problema, observando se é político, econômico, jurídico etc.; 2) identificar os atores envolvidos e ouvidos; 3) solução ou avaliação moral do problema. Portanto, os enquadramentos diagnosticam, avaliam e prescrevem os conteúdos das notícias. Ao contrário dos critérios de noticiabilidade, que em muitos casos são involuntários, os enquadramentos nem sempre são relacionados às rotinas produtivas e frequentemente resultam de uma subordinação a determinadas ideologias, justificadoras das representações instauradas pelos *framings*.

Para atingir os objetivos da pesquisa, foi coletada uma amostra de 160 matérias, no período entre 8 de janeiro e 8 de fevereiro de 2023, totalizando um mês. Em seguida, essas matérias foram categorizadas em nove temas: economia, financeirização, cidadania e direito, contextualização do acontecimento, crimes, identificações, investigação em curso, política e relatos pessoais.

No âmbito da economia, foram selecionadas matérias de abrangência nacional que discutem como o atentado afetou o país e sua visão globalmente. Essas matérias analisaram o impacto econômico direto e indireto do evento. Em financeirização, a análise focou em matérias específicas sobre pequenos ou médios “patrocínios” e seu impacto na economia interna do país. Isso incluiu a investigação de como determinados grupos financeiros e empresariais estavam envolvidos ou afetados pelo atentado.

Na temática referente à cidadania e direito foram abordadas matérias que desmentiam fake news criadas durante e após o ocorrido, as quais infringiam os direitos básicos assegurados pela lei a todo indivíduo. A análise se concentrou em entender como o G1 tratou as informações falsas, suas estratégias para checagem de fatos, e o impacto dessas ações na manutenção dos direitos civis e na educação do público. A contextualização do acontecimento, por sua vez, incluiu matérias abrangentes e os recortes midiáticos, bem como as narrativas utilizadas pelo veículo midiático. Essa categoria analisou como o G1 apresentou



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

o contexto histórico, político e social do atentado, oferecendo aos leitores uma compreensão mais ampla dos eventos.

As categorias crimes e identificações detalharam os delitos cometidos e os responsáveis, assim como as prisões realizadas. Essa análise focou na cobertura jornalística sobre as ações criminosas, identificando os autores dos atos, suas motivações e as respostas das autoridades. Por outro lado, a investigação em curso abordou as ações que estão sendo tomadas e que estão em andamento para mitigar os impactos do atentado. As matérias desta categoria exploraram as medidas preventivas e corretivas implementadas pelas autoridades, as investigações em andamento e as estratégias para evitar futuros incidentes semelhantes.

Em política, foram mostrados os posicionamentos e ações tomadas por políticos de todo o país. A análise envolveu a avaliação das declarações públicas, medidas legislativas e reações políticas ao atentado. Foi observada a cobertura das respostas tanto de membros do governo quanto da oposição, e como essas reações foram interpretadas e apresentadas pelo G1. Por fim, a categoria relatos pessoais incluiu narrativas de pessoas reais em meio ao caos e suas experiências pessoais. Essas matérias destacaram as histórias humanas por trás do evento, proporcionando um olhar mais íntimo e emocional sobre o impacto dos atentados na vida das pessoas comuns.

Entre os resultados, conclui-se que o portal G1 conseguiu fornecer uma cobertura variada e contextualizada, refletindo a complexidade dos temas abordados e sua importância para o público. Deste modo, a categorização dos dados em subgrupos relevantes revela um panorama mais detalhado da cobertura jornalística do portal sobre o evento e suas implicações, a fim de identificar esses padrões e narrativas, bem como demonstrar a capacidade do veículo noticioso de oferecer uma visão abrangente, consistente, clara e coesa em relação ao tema.

Palavras-chave



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

Política; democracia; jornalismo; enquadramento; G1.

Referências

BABO, I. O acontecimento e seus públicos. **Comunicação e sociedade**. v. 23, p. 218-235, 2013. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/article/view/985/965>. Acesso em: 27 jan. 2024.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CHAMPAGNE, P. A Visão Mediática. In: BOURDIEU, P. (Org.). **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ENTMAN, R. Framing: Toward Clarification of Fractured Paradigm. **Journal of Communication**, v.4, n.43, p. 51- 58, 1993.

FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. **Galaxia**, (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939>. Acesso em: 29 jan. 2024.

MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. 3. ed. Brasília: Editora UnB, 2012.

NORA, P. O regresso do acontecimento. In: LE GOFF, J. **Fazer História 1: novos problemas**. São Paulo, Bertrand, 1997.

QUÉRÉ, L. A individualização do acontecimento no quadro da experiência pública. **Caleidoscópio**, (Lisboa), v. 10, p. 13-37, 2011. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/3703/2484>. Acesso em: 29 jan. 2024.

REIS, L.; MAIA, M. A Construção de um Acontecimento Jornalístico. In: **XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0543-1.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2024.

RODRIGUES, A. D. O acontecimento. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1993.

WOLF, M. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.